

**José Carlos de Azevedo**

Não seria possível, em poucas linhas, comparar o sistema educacional brasileiro e o de países avançados, para tentar compreender o nosso impasse educacional. Cabe, talvez, mencionar alguns fatos relativos ao Brasil e aos EUA porque ambos têm dimensões territoriais aproximadamente iguais e foram colonizados por povos europeus que tinham, à época, o mesmo grau de desenvolvimento, apesar de o primeiro ter sido descoberto um século antes.

As disparidades físicas entre eles nos são favoráveis; somos um país meridional e tropical com uns 40 graus em latitude e uns 30 em longitude, o que, somado à topografia, nos deu imenso potencial de riqueza agrícola — em se plantando, tudo dá, lembrou nosso primeiro genrocrata. Hoje, entretanto, temos subnutridos e pessoas que morrem de fome. Os EUA se estendem por 60 graus nos paralelos, em região temperada e fria, e uns 25 graus em latitude; têm inverno inclemente, topografia irregular, desertos naturais, vulcões, furacões e terremotos, mas são os maiores produto-

res de alimentos do mundo. O Brasil está em região de calmaria geológica, tem amplos recursos naturais e até petróleo, apesar de a Petrobrás dedicar-se mais à venda e refino do que à pesquisa e exploração. Pode-se afirmar que os EUA só manterão seu ritmo de crescimento à custa da energia nuclear, mas nós, além dela, temos biomassa renovável ad infinitum, cana-de-açúcar, por exemplo. Não sendo oportuno admitir que outros fatores (raça, clima e religião, por exemplo) sejam muito influentes, resta supor que as imensas disparidades entre os dois países decorram de seus enormes desníveis educacionais.

Os EUA se caracterizam pela descentralização do ensino, iniciada com a colonização; começou como atividade local, nas mãos de religiosos e dos

“homens bons da terra”, e era compulsória a educação de base para a qual havia algum subsídio público. Tão descentralizado era o sistema que só há 15 anos foi criado um Ministério da Educação e, apesar das promessas governamentais de extingui-lo, ele ainda existe, sem muita condição de dar palpites. O analfabetismo acabou no século passado e as universidades particulares, Harvard (criada em 1633) MIT, Caltech, Chicago e Bu são as melhores do planeta; quanto a anuidades, há escolas de base gratuitas mas a Caltech, em 1992, já cobrava US\$ 107 mil de anuidade, sem que a ninguém ocorresse perguntar se era muito ou pouco dinheiro. Os EUA produzem anualmente mais da metade da ciência e tecnologia mundial e se encontram, há quase um século, em fantástico ritmo de crescimento econômico, apesar das guerras pelas quais passou.

Nossa primeira universidade surgiu por decreto em 1922 para outorgar um doutor honoris causa ao rei da Bélgica que nos visitava. Nessa época, a Universidade Católica de Louvain tinha meio milênio de existência e o primeiro censo brasileiro, de 1920, revelava que o analfabetismo entre os

adolescentes ultrapassava 75% e que menos de 20% das crianças em idade escolar recebiam alguma forma de instrução. O poder público no Brasil sempre interferiu nas atividades educacionais e os resultados são conhecidos: somos um país de analfabetos, com ciência minguada e tecnologia de adaptação; para o ensino público de base, faltam recursos financeiros; humanos e didáticos e os salários são baixos. A situação das universidades públicas é conhecida: estão falidas, com muitos desocupados e incompetentes — e a recente invasão da reitoria da USP prenuncia o que vem por aí.

Há pouco o governo federal, sem dúvida movido por boas intenções, baixou a MP Nº 524 regulando mensalidades e taxas nas escolas particulares mas inviabilizou o funcionamento de boa parte delas; há prenúncio de confusões na reabertura das aulas. Melhor teria sido que não tivesse sido baixada e que as regras gerais de conversão se aplicassem igualmente às escolas. Não tendo isso ocorrido, resta esperar que agosto, este ano, não chegue em julho.

■ José Carlos de Almeida Azevedo, ex-reitor da Universidade de Brasília, é PhD em Física pelo MIT

---

**Aqui,  
o governo  
sempre  
interferiu  
nas  
atividades  
educacionais.  
Resultado:  
uma terra de  
analfabetos**

---